

papel diferencial dos saldos naturais e migratórios neste processo.

O último tema tratado corresponde à «Composição da população por idades». Depois de uma abordagem dos aspectos globais da evolução da estrutura etária da população, é dado algum relevo a cada um dos grupos funcionais (que correspondem aos grupos de idade 0-14, 15-64 e 65 e mais anos). Para o último grupo de idades é, de forma interessante, analisado o «índice de envelhecimento interno», ou seja, o progressivo aumento dos idosos mais velhos. Em seguida é apresentada a evolução dos índices de envelhecimento e dos rácios de dependência. De forma descritiva, é em seguida dada atenção ao processo de envelhecimento em curso, em que também se aborda o envelhecimento diferencial por sexo. Este ponto é concluído por um pequeno exercício de evolução prospectiva da população, utilizando dois modelos simples. O primeiro, em que apenas são consideradas as variáveis «mortalidade» e «fecundidade/natalidade», e um segundo, em que é também incluída uma hipótese relativamente aos movimentos migratórios.

Este exercício, sustentado na análise anterior da evolução da população nas suas várias vertentes, permite às autoras terminar este ponto com algumas observações acerca não só do futuro inexorável de envelhecimento da população portuguesa, como também sobre quais os factores determinantes da velocidade a que ocorrerá, ou seja, os movimentos migratórios e a fecundidade.

O livro termina com uma «Síntese conclusiva», onde se defende a tese das cinco transições demográficas que Portugal sofreu ao longo do século XX: epidemiológica, da fecundidade, migratória e urbana, familiar e, finalmente, etária. É uma abordagem interessante, que serve fundamentalmente como forma de arrumação das várias vertentes-chave da evolução da população portuguesa ao longo do século XX e que permite às autoras terminar o seu livro concluindo que «Portugal deixou, assim, de significar uma das principais excepções da demografia europeia no que diz respeito aos percursos e estruturas familiares, às condições sanitárias e aos níveis de mortalidade, à composição etária da população, aos níveis de urbanização, aos níveis de fecundidade ou à atracção exercida sobre a população de outros países. E por todas estas razões afirmou-se, no final do século XX, como um país de demografia moderna.»

MARIA LUÍS ROCHA PINTO

*Sofia Alexandra Cruz, Entre a Casa e a Caixa. Retrato de Trabalhadoras da Grande Distribuição*, Porto, Afrontamento, 2003.

O retrato das trabalhadoras «caixas» de supermercado apresentado

por Sofia Alexandra Cruz resulta de um trabalho de investigação sobre as condições de vida, de percurso escolar, social e profissional de um grupo de mulheres acantonadas numa actividade nova e tipicamente feminina, fortemente associada a rotina, a cronómetro, a cadência e ritmo de trabalho, isto é, associado a taylorismo e a trabalho desqualificado, apesar de se passar no sector dos serviços, isto é, em espaços «limpos», não fabris.

As condições de trabalho são vivamente descritas pela autora, sendo explorada a analogia com os postos de trabalho da indústria organizados segundo o modelo taylorista, seja no que respeita ao conteúdo e natureza do trabalho executado pelas «caixas», seja ainda no que respeita aos comportamentos e atitudes de resistência ou adaptação aos ritmos e condições concretas de trabalho. Trata-se, contudo, no caso do trabalho de caixa de supermercado, de um taylorismo muito imperfeito e muito mitigado. Não só porque a extrema racionalidade na organização do trabalho é hoje afectada pelos novos valores das modernas teorias de gestão, como sobretudo devido à natureza da actividade de «caixa». O posto de «caixa» tem associada uma dimensão relacional que lhe confere uma margem maior de imprevisibilidade inexistente na maior parte das indústrias. Dito isto, teria sido interessante, justamente, explorar não apenas as semelhanças, como sobretudo as diferenças em relação aos postos de trabalho da indústria verdadeiramente taylorizados. Isto é, observar as especificidades, sejam

elas decorrentes na natureza do trabalho de «caixa» ou inscritas no quadro das relações colectivas e individuais de trabalho, procurando as razões que mantêm estes postos e actividades, apesar de tudo, mais protegidos da aplicação total dos princípios da organização científica do trabalho de Taylor<sup>1</sup>.

O aspecto mais surpreendente deste retrato não é a acumulação e sobrecarga de trabalhos e funções praticados pelas mulheres no espaço que vai da «caixa» à casa e aos filhos. Esse aspecto é, para estas mulheres, particularmente duro porque inscrito em condições de escassez de recursos sociais e económicos e de vivência da periferia urbana, mas não é um quadro substancialmente diferente das mulheres que exercem outras actividades e profissões. No livro recente coordenado por Anália Torres<sup>2</sup> demonstra-se, justamente, como esta sobrecarga atinge quase todas as mulheres que trabalham, seja qual for o seu estatuto profissional, mas atinge com particular dureza e penosidade as mulheres desprovidas de recursos económicos.

O mais surpreendente neste retrato é o facto de, apesar das condições

---

<sup>1</sup> A este propósito, e como exemplo de um caso extremo, veja-se a descrição de postos de trabalho, também taylorizados e executados maioritariamente por mulheres jovens, na indústria de cablagem eléctrica, por Teresa Seródio Rosa (1995), *Relações Sociais de Trabalho e Sindicalismo Operário em Setúbal*, tese de doutoramento, Lisboa, ISCTE.

<sup>2</sup> Anália Torres (org.) (2004), *Homens e Mulheres. Entre a Família e o Trabalho*, Lisboa, DEEP, CID, 2004.

de trabalho, esta actividade ser vista pelas próprias trabalhadoras como constituindo uma oportunidade concreta de mobilidade social e profissional (intra e intergeracional), uma oportunidade de independência económica e de expressão individual pelo trabalho (ainda que muito reduzida). As próprias, mesmo quando «conformadas», têm sobre a sua condição um olhar em perspectiva e avaliam a actual situação de trabalho e condições de vida projectando-as nos respectivos percursos e no balanço que fazem das oportunidades que (não) tiveram.

É sublinhado, em discurso directo, e pode facilmente ser percebido pela análise dos percursos sociais e escolares apresentada pela autora, que a situação é encarada como uma oportunidade, em alguns casos definitiva, noutros transitória e instrumental. Em primeiro lugar, para mulheres com baixos níveis de instrução e para quem a escola foi uma possibilidade frustrada, trata-se da oportunidade de fugir a um certo destino marcado pelo trabalho «esforço»<sup>3</sup> (como lavar escadas, trabalhar no campo ou na indústria), ou pelo confinamento ao espaço doméstico (ficar em casa), ou pela absoluta dependência económica dos pais ou do marido. Em segundo lugar, para as jovens com mais recursos escolares e competências profissionais, trata-se da oportunidade de conseguir os meios financeiros adicionais para

prosseguir os estudos ou para consolidar outras escolhas profissionais.

Para as primeiras, a oportunidade é já em si um novo destino (com as marcas que a autora bem descreve); para as segundas é apenas uma etapa do percurso, um trampolim para entrada ou passagem no mercado de trabalho, gerando oportunidades de relações e condições de trabalho efectivamente marcadas por uma maior «flexibilidade».

Da leitura do livro fica claro que o posto de «caixa» de supermercado, o novo destino da maior parte destas mulheres, é um denominador comum, um ponto de encontro entre o insucesso escolar e as baixas qualificações e o mercado de trabalho pouco exigente. A principal característica deste ponto de encontro parece ser o nível da fásquia, igualmente baixo, tanto das expectativas de quem procura trabalho como das exigências de quem o oferece. Apresenta-se, assim, como o espaço onde se podem concretizar, simultaneamente, as expectativas de quem tem como recurso apenas baixas qualificações e as estratégias de exploração máxima de força de trabalho desqualificada e de compressão dos custos de trabalho por parte de empregadores.

A questão, do ponto de vista moral e ético, na minha opinião, não é tanto a existência de postos de trabalho pouco interessantes, rotineiros, desqualificados, duros ou alienantes, mas sobretudo a imagem de destinos individuais ou colectivos amarrados a tais postos, sem os recursos nem a esperança de quebrar tais amarras, sejam os destinos de mulheres, de

---

<sup>3</sup> V. João Freire (1997), *Variações sobre o Tema Trabalho*, Porto, Afrontamento.

imigrantes, de analfabetos ou portadores de deficiência.

Nada nos é dito, neste trabalho, sobre o nível de regulação existente no sector, sobre a existência de contratação colectiva ou o quadro de desenvolvimento das relações colectivas de trabalho. Todavia, o conhecimento desta dimensão é decisivo também para compreender o grau de ancoragem/estruturação destas situações no mercado de trabalho português e as condições existentes para as transformar.

MARIA DE LURDES RODRIGUES

*Francisco António Lourenço Vaz, Instrução e Economia. As Ideias Económicas no Discurso da Ilustração Portuguesa (1746-1820),* Lisboa, Edições Colibri, 2002, 484 páginas.

Este livro corresponde à tese de doutoramento defendida pelo autor na Universidade de Évora em Fevereiro de 2001. Credenciado por estes pergaminhos académicos, o livro oferece inequívoco testemunho de apurado trabalho de investigação sobre temas e autores que nos desvendam aspectos menos conhecidos da história da ilustração portuguesa. Um dos principais méritos deste livro consiste na revelação e análise de documentação de alguns núcleos

arquivísticos até agora pouco ou nada investigados. Por isso, representa desde logo valor novo e acrescentado à herança historiográfica disponível. Uma herança que Francisco Vaz também explora e amplia, contribuindo desse modo para valorizar os trabalhos que mais recentemente têm sido produzidos sobre os assuntos que revisita com sucesso. Aprende-se muito com este livro, razão de sobra para se recomendar leitura atenta.

De que se ocupa, afinal, Francisco Vaz?

O livro está dividido em duas partes distintas, sujeitas a uma mesma temática envolvente, que é a do desenvolvimento do discurso económico ao longo do período em análise. Na primeira parte surgem destacados três temas que funcionam como pretexto de demonstração das mudanças que se operam no panorama das ideias económicas. A usura, o luxo e a organização de sociedades económicas são os assuntos eleitos por Francisco Vaz. Relativamente aos dois primeiros (usura e luxo), a preocupação central é a de explicar o modo como se procura esbater a condenação moral de excessos utilitários no comportamento económico individual. A visão de que tais excessos poderiam trazer consequências morais e sociais desagregadoras é substituída pela noção de que deverão servir propósitos e objectivos de reforma e desenvolvimento económico. Quanto ao terceiro tópico, a organização de sociedades económicas, ensaia-se uma explicação do seu papel na difusão da instrução pública